

Do negro à luz todo o azul floresce...

Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina.
É um paradoxo que ajuda a poesia
(Manoel de Barros, *Memórias Inventadas*)

O colóquio era “literário”. É o que a “doxa” destas coisas nos levaria a dizer, se algumas destas coisas se não libertassem da “doxa”. Este, mais que “colóquio” – conversa, discussão, interlocução sobre textos e autores –, foi uma seqüência de lugares, a partir de um centro: o texto “nómada”, “equidistante” da escrita e da vida, de Maria Gabriela Llansol. Durante três dias, esse texto disseminou-se, desdobrou-se, desnudou-se e desnudou-se pelos mais desvairados lugares do Convento da Arrábida: auditório e capela, cozinha e refeitórios velhos, Sala do Bispo e recantos exteriores. Desdobrou-se as dobras que nele abrem para mundos no mundo, e deu-se a ver e a ouvir, vestindo vozes e olhares, corpos e mentes. Entre todos os momentos em que o texto se tornou vivo, na discussão das idéias que o informam, nas vozes que contém e se ouviram nas de todos os participantes, nas imagens que subitamente dele saltam para as seqüências dinâmicas de um vídeo (de Regina Guimarães e Saguenail), para a galeria cromática de figuras arrancadas às suas páginas numa série de pinturas de Ilda David’, para ecos vítreos, com sugestões de intemporalidade, nas campânulas de uma instalação de Manuel Rosano chão austero do refeitório, ou para o jogo elementar da água e da pedra em fotografias de Duarte Belo – entre todas essas, e outras, projecções deste texto fortíssimo no corpo, na mente e nas afecções de quem o lê, uma se impõe ao decidir escrever sobre essas margens que, durante três dias, ocuparam o centro do encontro: o corpo e o gesto do bailarino brasileiro Wagner Schwartz, nu e só, recortando-se contra o altar da capela nua. A performance chamava-se “Finita” (o título de um dos diários de Maria Gabriela Llansol), mas o que daquele corpo, dobrado sobre si, ia nascendo remetia antes para o outro texto da Autora, *Hölder de Hölderlin*, ou para momentos e fragmentos do próprio Hölderlin, na fase dita da “loucura”. A questão que aqui se (me) coloca é a de saber *como é que um texto se faz gesto e corpo*. E a resposta, quando se trata de uma Obra como a de Maria Gabriela Llansol, ou de poemas do Hölderlin tardio, poderá ser: desatando-lhe os nós.

Os nós de *Hölder de Hölderlin*, e de vários poemas e fragmentos do poeta alemão, são aqueles pontos-vorazes – buracos negros cheios de luz branca – onde convergem a contenção e o excesso, a visão e o transe, o requiem e o júbilo, o negro e o branco. Os dois elementos do nome – Wagner Schwartz – significam, à letra, “desafiador” e “negro”, “aquele que desafia o

negro”. A dança, estruturada em dois momentos (corpo em tensão, impressionante bloco de uma plasticidade dramática, núcleo de energia contida, preparando a posterior libertação pelo quase-transe), coloca diante do espectador o dilaceramento da loucura, no gesto desesperadamente lento de agarrar a cabeça com as mãos e contorcer o corpo. *Hölder de Hölderlin* dá-nos a ler: “Hölderlin sentiu uma grande ausência: a sua cabeça ia abandoná-lo”; e Myriam pensou: “É uma árvore demente, crescendo à beira da falésia”. Tudo se passa primeiro no silêncio pesado de um corpo que se vai metamorfoseando, “em frases breves,/ fazendo rodar o poliedro do tempo” (do corpo), como se os poemas tivessem “revestido a superfície externa do seu crânio”. Mas, pouco a pouco, a escultura móvel do corpo (branco) em movimentos lentos dá lugar ao vôo de um anjo negro, que entretanto se transformou, envergando um vestido da mesma cor (vestido é alma, dirá Llansol em *O Jogo da Liberdade da Alma*). Agora, o corpo-escultura é pássaro e bicho, cose-se ao chão, enrola-se, desdobra-se, agita-se em transe de uma loucura branca, branda, vestida – apenas vestida – de negro. O corpo-tronco, branco, apela a um mais-além do que se dá a ver, a uma pujança desconhecida que se apossou desse corpo aparentemente possesso, numa busca que a música (Bach, corais) agora acentua e espiritualiza na sua dramaticidade. Hölderlin escreve, numa carta a Susette Gontard/Diotima: “Tenho de chamar todos os dias a divindade desaparecida”. Na sua poesia da “loucura”, é freqüente do negro nascer o azul e deste a luz. Envolto em noite, o poeta escreve a luz. Saído da noite, o “desafiador negro” caminha da nigredo para uma albedo toda música. O branco da loucura de Hölderlin e o fulgor do texto de Llansol emergem, apagando o negro da razão (“Tinha a cabeça branca à frente, e escura atrás; assim expressava a substituição parcial da razão pela loucura”, *Hölder de Hölderlin*). A luz branca do ponto-voraz para onde tendem a poesia de Hölderlin, a escrita de Maria Gabriela Llansol e o corpo de Wagner Schwartz é o lugar – cume, campanário, “abismo muito alto” – de todas as imagens do sublime ou do sagrado. Ou: do ponto de encontro entre o céu e terra, deus e homem, negro e branco, violência e fulgor. Em *Hölder de Hölderlin*, o poeta, do seu “abismo muito alto”, vê “pequenas moradas isoladas onde, em cada, há um habitante com sua auréola de fulgor”. No seu quarto, “por detrás de grades (...), era ele que cantava e tornava tudo global e belo”. A poesia tardia de Hölderlin (em “Mnemosina” ou num fragmento com o título “Num azul ameno...”) convoca o “deus desaparecido” para restabelecer o equilíbrio abalado pela “desmesura”, e para dizer aos homens, aos solitários, quando “um azul ameno floresce”, que “um homem pode favoravelmente medir-se com a divindade” e que “é essa a medida do homem: com pleno mérito, mas poeticamente, habita o homem esta Terra...”

Pode o negro devir branco, o cinzento fulgorizar-se? Pode um corpo branco desafiar o negro dos tempos? Pode. Pode o requiem ter uma voz doce? Fauré disse do seu que era tão doce como ele próprio. Estou a ouvi-lo e confirmo-o. No de Mozart pesa, como talvez em nenhum outro, a asa negra da morte. Mas também essa, escutada como pura música, é asa de pássaro azul. O requiem é música para um corpo que se deita. Pode deitar-se num leito de penas ou de pedras, sob a asa branca do anjo ou sob a asa negra da morte. Mas esse corpo que se deitou

erguer-se-á. A morte, afinal, é apenas o que vem ter conosco quando o inadmissível é posto diante dos nossos olhos impotentes. Quando o afeto é trespassado. Morre-se por algum tempo, e a tristeza, solitária, sem ira e sem porquê, compõe em nós o seu requiem. O mundo imobiliza-se, uma paz estranha toma conta do corpo, inquieta, quase suave. Descansa em algum lugar de nós (a alma?), espalha uma cinza fina e macia que abafa o ruído indiferente do mundo – *solvet saeculum in favilla...*

Foi assim naqueles momentos em que o “desafiador (do) negro” progressivamente me fez chegar ao cerne da luz branca do texto de Maria Gabriela Llansol (ou à intensidade verde da clorofila, de que falam alguns dos seus livros, menos visível na penumbra da capela dessacralizada). Hölderlin escrevia, nos anos da luz branca do anoitecer da razão (num fragmento intitulado “Grécia. Terceira Tentativa”) que é assim sempre que o corpo sabe que “lá em cima, pura meditação, vive o éter./ E argêntea/ Em dias limpos/ É a luz. E em sinal de amor/ Azul-violeta a terra”. Não sabemos dizer porquê. Mas é assim, diz ainda o Poeta, sempre que o deus desaparecido regressa “e o seu rosto se fecha ao saber/ E cobre de arte os ares”.